

União Brasileira de Escritores: 60 anos de desafios, lutas, realizações, alegrias, decepções e, sobretudo, esperanças

Discurso proferido na Casa Rosada da Rua Santana, em 14 de março de 2018, por ocasião da solenidade comemorativa dos 60 anos de fundação da União Brasileira de Escritores

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Estamos hoje, nesta Casa Rosada da Rua Santana, para cumprir o mais destacado evento do calendário comemorativo do 60º aniversário da União Brasileira de Escritores, a Casa de Paulo Cavalcanti - uma entidade sempre jovem e em constante processo de renovação, reconstrução e reorganização, dando vivo exemplo dos milagres que possibilitam a sobrevivência das associações culturais, e que, em diferentes níveis de abrangência e sucesso, representa nacionalmente os artistas e cientistas da palavra, articulando-os numa plataforma capaz de dar-lhes ajuda, orientação ou, simplesmente, companhia nos momentos de necessidade ou vontade. Nesta perspectiva, além de dar voz coletiva aos escritores, a UBE se preocupa com os seus interesses [dos escritores], lutando por condições que facilitem o processo criativo e demais elos da cadeia do livro e da leitura.

Para contextualizar o significado histórico desta solenidade é preciso lembrar que a União Brasileira de Escritores foi fundada em 17 de janeiro de 1958, em memorável campanha de escritores pernambucanos, cariocas e paulistas para substituir o modelo da Associação Brasileira de Escritores (ABDE) por um [modelo] novo capaz de manter a representação dos escritores brasileiros – uma meta que nos une e, até hoje, desafia a jornada que nos propomos percorrer, inclusive por zelar para que o affair do escritor não sofra a ira daqueles que temem a crítica explícita ou implícita na arte literária, cumprindo um espectro que passa, naturalmente, pela resistência e enfrentamento aos ranços decorrentes dos vários tipos de intolerância.

Sobre este ponto, vale dizer que, nestes 60 anos, a epopeia vivida pela UBE vem sendo marcada por grandes alegrias e, em contraponto, por grandes atropelos e desilusões.

Em 1964, por exemplo, ainda no início do regime militar, a UBE foi forçada a silenciar com a prisão de muitos escritores e dirigentes, inclusive do presidente

Paulo Cavalcanti. E, assim, ficou até 09 de novembro de 1984, quando, em concorrida reunião no auditório da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), na Rua do Imperador Pedro II, no centro do Recife, foi recriada.

Nunca é demais lembrar que, em certa medida, a condição de dar a 'voz ao povo' (e, assim, nos termos do provérbio popular, dar 'voz à Deus') explica parte das alegrias e, também, das angústias experimentadas pelos escritores (e, claro, pelos artistas das demais linguagens). De fato, ao descrever o mundo e expressar sentimentos e sonhos com padrões estéticos segundo o estilo e talento de cada um, ao tempo que alegram a vida (e se alegrarem com isto), os artistas despertam saberes, querer e vontades e, em contrapartida, frustrações, amores, medos e rancores. Esta é a razão de os artistas, de modo geral, e os escritores, de modo específico, imporem tanto medo àqueles que têm algo a esconder. Não é outro o porquê da arte e dos artistas estarem sempre na alça de mira dos truculentos, que, como prevenção ou vingança, os atacam e os perseguem com graus variados de malefício, desde os diversos tipos de censura até, mesmo, as afrontas físicas. Ofendem os artistas, vezes satanizando-os [os artistas] com falsas acusações de preguiça e malandragem, vezes limitando as eventuais formas de incentivo cultural [e] prestigiando apenas os submissos e subservientes, vezes censurando abertamente a arte ceifando a criatividade, vezes privando-os [os artistas] da liberdade e, mesmo, da vida, como se a sensibilidade fosse crime e, de toda forma, sempre tentando cercear a atividade artística em sinal de admiti-la apenas como mero entretenimento.

De todo e qualquer modo, a condição de alvo é intrínseca à arte e ao artista. Qualquer arte e qualquer artista. Vale lembrar que, à despeito de muitos teimarem em aceitar, independentemente da vontade do autor, toda arte, até mesmo aquelas ditas 'bem comportadas', carrega um potencial subversivo e revolucionário, evocando naturalmente sentimentos favoráveis e desfavoráveis, conforme a posição e índole dos afetados, estabelecendo um tipo de interlocução contraditória, pois, ao tempo que consagra o artista, dá origem às suas alegrias e, também, às suas angústias.

Nesta perspectiva, as alegrias e angústias dos artistas têm um pouco de matéria comum, permitindo-nos acreditar que, em certa medida, aplausos e vaias possuem algum parentesco, em substância presente apenas naqueles que se expõem ao público e, claro, ausente naqueles que se resguardam da opinião pública.

Este é o ambiente no qual, desde sempre, a União Brasileira de Escritores (UBE) e outras entidades artísticas e culturais atuam, percorrendo caminhos mais ou menos, estreitos, tortuosos e íngremes, cumprindo jornadas, nas quais, por

razões táticas ou estratégicas, intencionais ou não, fingem não perceber ataques à cultura, recuando, eventualmente, um ou dois passos para, em seguida, retomar a caminhada inexorável rumo a patamares mais elevados do estágio de desenvolvimento cultural.

Na realidade, independentemente do nível de apoio e de liberdade desfrutado pelos artistas, a arte sempre consegue se manifestar e, de certo modo, [consegue] romper e ampliar limites da convivência, promovendo algum tipo de desenvolvimento cultural.

À despeito do 'apesar-de-você' que desmoralizando amarras, antolhos, vendas e mordanças e, passando por cima de pau, pedra e fogo, garante o vislumbre do mundo visto pelo artista, infelizmente, a truculência dos brutos faz muitas baixas e, para prejuízo de todos, muita arte deixa de ser produzida e muitos talentos se perdem na multidão, deixando de desabrochar e evoluir.

No fundo, 'resistir sempre e avançar quando possível' é o lema de todas as entidades culturais, inclusive, claro, daquela que representa os escritores brasileiros. Assim, nestes últimos 60 anos, com maior ou menor protagonismo, muitas vezes na contramão dos modismos e da corrente principal, a União Brasileira de Escritores vem estimulando, apoiando, participando ou, pelo menos, testemunhando empreendimentos culturais e artísticos, oferecendo, assim, sua contribuição para o desenvolvimento da arte literária no País.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Desde 2016, com o registro do novo Estatuto, a UBE assumiu caráter nacional e, sem prejuízo das ações e programas literários tradicionais, incorporou outras atribuições e preocupações, priorizando a abertura de seccionais estaduais, como fez recentemente em Santa Catarina e, agora, faz no Maranhão, garantindo a presença de líderes nacionais em cargos de direção, como o paranaense Ney Perracini, o cearense Francisco Nóbrega e o maranhense Elias Azulai, estreitando ainda mais a interlocução da entidade com autoridades federais, participando e apoiando empreendimentos culturais de âmbito regional, supra-regional e internacional, e estabelecendo um modelo de representação baseado no funcionamento de um conselho de articulação nacional com delegados oriundos de diversos Estados da federação para externar opiniões e formular propostas de políticas culturais amplas, com destaque para aquelas referentes ao livro e à leitura.

Com este objetivo maior, a UBE vem contribuindo permanentemente para o desenvolvimento cultural do País,

(a) defendendo direitos dos escritores e a herança literária, artística e científica, as tradições e as línguas faladas no Brasil;

(b) lutando por condições que atendam às crescentes necessidades culturais do povo; [por] estímulos às atividades literárias, artísticas, científicas e técnicas; [por] uma política cultural justa; [por] maiores verbas para a instrução pública; [por] incentivo às artes e à pesquisa científica; [pela] ampliação da rede de ensino público e de qualidade; [por] maior incentivo ao livro e à leitura; [pela] consolidação da indústria cinematográfica; [pela] democratização da comunicação social; [pelo] florescimento das artes plásticas, do teatro e da música brasileiras;

E, sobretudo, (c) fazendo a defesa intransigente das liberdades democráticas; da livre manifestação do pensamento em todas as suas formas de expressão; da liberdade de cátedra; do direito de reunião e de associação; e das relações amistosas com todos os povos do mundo.

Esta é uma luta da qual, sob pena de cumplicidade com eventuais recuos nos níveis de avanço cultural e social, a UBE não pode se afastar.

Minhas senhoras e senhores,

No início da caminhada, a UBE não tinha sede própria, cumprindo uma jornada cigana que deixou muitos ensinamentos.

Inicialmente, ela funcionou em sala no Espaço Pasárgada, na Rua da União, e, depois na Livraria Livro 7, na Rua Sete de Setembro. A partir de 08 de fevereiro de 1985, a UBE, passou a se reunir na Livraria Síntese, na Rua do Riachuelo. Em seguida, na Galeria Metropolitana do Recife e, depois, no auditório da OAB-PE.

A itinerância prosseguiu até 1992, quando, acolhendo a luta de escritores e amantes da literatura, incluindo Olimpio Bonald Neto, Dione Barreto, Tarcísio Pereira (Bocão), Flávio Chaves, Frederico Pernambucano de Melo, Nagib Jorge Neto e outros, o então Prefeito Gilberto Marques Paulo sancionou a Lei 15.740/92, cedendo por comodato este terreno da Rua de Sant'Anna, em Casa Forte, onde, posteriormente, foi construída a chamada Casa Rosada da Rua de Santana, sede nacional da UBE, que, em 20 de julho de 2010, por ocasião dos festejos do Dia Nacional do Escritor, foi consagrada no rol do imóveis de interesse da Cultura

Literária. Nos dias correntes, o imóvel passa pelo processo final da doação autorizada pela Lei 16.631/2000 de autoria do então vereador Admaldo Matos e sancionada pelo prefeito Roberto Magalhães em 29 de dezembro de 2000. Vale dizer que, no Dia de Natal, dia 24 de dezembro de 2008, provavelmente por engano, sem qualquer aviso prévio, o ex-prefeito João Paulo Lima e Silva assinou documento cedendo parte do imóvel da UBE à CPRH, introduzindo um embaraço que ainda não foi superado.

Ao longo de sua bem sucedida história, a UBE viveu muitas experiências, palmilhando o caminho da incerteza até desenvolver o formato atual e que, esperamos nós, servirá de base para novos aperfeiçoamentos, inclusive para a superação da grande cisma ainda persistente com a regional de São Paulo.

Esta história vem sendo construída num processo que avança segundo possibilidades e prioridades e conforme as dificuldades e oportunidades próprias de cada época, sob a batuta dos presidentes Paulo Cavalcanti, Olímpio Bonald Neto, Nagib Jorge Neto, Frederico Pernambucano de Melo, Dione Barreto, Flávio Chaves, Vital Correia de Araújo e, agora, por mim, promovendo ajustes e inovações para fortalecer os escritores e projetar a cultura literária.

Vivenciando conjunturas próprias de cada momento histórico, cada uma das gestões cuidou de preocupações e prioridades específicas, as quais, vale dizer, se complementam, compondo o mosaico multicolor que reveste a UBE - uma Catedral em constante processo de construção e reconstrução.

Entre 1984 e 1985, Paulo Cavalcanti comandou a participação da UBE no Congresso Nacional dos Escritores e estimulou projetos como 'Poesia Circulante', 'Caminhada Poética' e 'Vista Poesia'.

Entre 1986 e 1989, sob a pena do Nagib Jorge Neto, a UBE lançou Boletim Informativo, realizou o projeto 'Leia', celebrou contrato com o BANDEPE para divulgação de poemas nos talões de cheques e realizou o Congresso de Escritores do Nordeste.

Entre 13 de dezembro de 1989 e 1990, com Frederico Pernambucano de Melo, a UBE participou no III Congresso de Escritores, admitiu o arcebispo Dom Helder Câmara no quadro de sócios, participou do projeto 'O Poeta vai à Escola' e compôs a mesa julgadora do concurso de poesia promovido pela prefeitura de Sertânia.

Nos tempos de Dione Barreto, entre 1991 e 1992, a UBE instalou Núcleo na cidade de São José do Egito, realizou concurso literário, realizou o projeto 'Ler e Escrever o Mundo', lançou o projeto 'Escritores ao Vivo' e publicou a Revista 58.

Entre 1993 e 1994, sob a liderança de Olímpio Bonald Neto, a UBE empreendeu vasto programa de intercâmbio internacional, visitando a cidade do Porto, participou da Feira de Livros de Autores Pernambucanos, participou do projeto 'Pernambuco, mostra a tua cara', estreou a Feira de Livros da UBE.

De 1995 a 2000, a UBE foi presidida por Flávio Chaves e realizou o projeto Pernambucanidade, criou núcleo em São Bento do Una, movimentou os projetos 'Trem da Cultura', 'Estação Cultural' e Livraria do Escritor Pernambucano, realizou Congresso Nacional de Escritores em Pernambuco, inaugurou a galeria de arte e a biblioteca da UBE.

De 2001 a 2008, sob a presidência de Vital Corrêa de Araújo, a UBE deu início aos projetos 'A ficção em Pernambuco', 'A cultura e a arte em Pernambuco' e 'Quartas às Quatro' e fez a curadoria das duas primeiras edições da Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas (FLIPORTO).

Desde 09 de janeiro de 2009, a UBE vem sendo presidida pelo escritor Alexandre Santos, que, sem perder a perspectiva das responsabilidades políticas da entidade, deu continuidade aos projetos literários existentes e criou os projetos das 'Quintas Temáticas', com sessões dedicadas à literatura romântica, cômica, fantástica e erótica, 'Jardim das Letras', 'Estudos do Cangaço', 'Repensar', 'Cordel na UBE', 'Estação das Letras' em parceria com a CBTU, 'Filosofando o amor na literatura', Seminário de Historiologia', 'Berlinda literária', instalou a Casa da UBE na Fliporto, deu protagonismo à UBE no Festival Literário do Recife, na Bienal do Livro em Pernambuco, criou a revista 'União pelas Letras', o coral 'Vozes da Casa Rosada', criou a Ordem do Mérito Literário Jorge de Albuquerque Coelho (Ariano Suassuna, Fátima Quintas, Gilvan Lemos, Marcus Accioly, Alexandre Santos, Ana Maria César, Melchiades Montenegro, Gilberto Freire, Lucio Ferreira, Frederico Pernambucano de Melo, Edson Nery da Fonseca, Leonardo Dantas, Olímpio Bonald Neto, Waldênio Porto, Raimundo Carrero, Ney Perracini), criou o programa de consagração dos imóveis de interesse da cultura Literária (sede da livraria 'Geração 65', no Raio Leste da Casa de Cultura de Pernambuco, a Casa Rosada da Rua Santana, o Restaurante Leite, a Casa de Gilberto Freyre, a Casa de Diana, em Triunfo, o Atelier de Aberlardo da Hora, na Rua do Sossego, e a sede da Brindeirart, na Rua de Apipucos, que sediou as edições Pirata e deu residência ao casal Myriam e Alberto), reformou o Estatuto, dando caráter nacional à entidade, instalou a secção estadual em Santa Catarina, instalou os núcleos municipais de

Triunfo, Serra Talhada, Paulista e Garanhuns, criou o Quadro de Sócios Beneméritos, criou o Quadro de Oblatus Literis (Jair Martins, Eugênia Menezes, Edson Luiz Marques e Bernadete Bruto), criou o programa de homenagens que associa o Ano Literário ao nome de personalidade cultural (Abelardo da Hora (2014), Tavares de Lima (2015), Tarcisio Pereira (2016) e Miryam Brindeiro (2017)), criou homenagem específica a visitantes ilustres da Casa Rosada (o ex-ministro Armando Monteiro Filho, o escritor mexicano Julio Carrasco e o jornalista japonês Dasiai Ku Ikeda), realizou três edições do Congresso Brasileiro de Escritores, firmou parceria com a Câmara Brasileira de Desenvolvimento Cultural para a realização da Festa Literária Internacional do Ipojuca (FLIPO), Encontro Pernambucano de Escritores, Congresso Mundial de Engenheiros Escritores e Semana Olinda de Literatura.

Hoje, em mandato que vai até janeiro de 2019, sempre sob a égide da UNIÃO PELAS LETRAS, com o firme propósito de influir na definição dos caminhos que possam levar ao desenvolvimento da nossa terra e do nosso povo, com aconselhamento do presidente de honra Waldênio Porto, o quadro dirigente da UBE é integrada pelos escritores Raimundo Carrero, Flávia Suassuna, Tavares de Lima, Edson Mendes, Carlos Alberto Barreto Campello de Melo, Salete Rego Barros, Renato Siqueira, Wagner Cordeiro, Francisco Nóbrega, Eugênia Menezes, Bernadete Bruto, Felipe Júnior, Margaret Leite, Vera Sato, Ariadne Quintela, Ney Perracini, Sílvio Hansen, Neilton Limeira, Zélia Prímola, Dorinha Arruda, Sandoval Ferreira Leite, Vera Nóbrega, Ronaldo César, Adalberto Arruda, Bezerra de Lemos, Ruby Jean, Francisco Mesquita, Adeildo Nunes, Jaques Cerqueira, Taciana Valença, Dulce Albert, Fátima Almeida, Rachel Carrilho, Patriotino Aguiar, Socorro Costa e MaryVânia Siqueira - um time bem representativo dos cientistas e artistas da palavra com atuação no Brasil e habilitado, portanto, a cumprir o desafio de consolidar o caráter nacional da entidade.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

O período comemorativo do sexagésimo ano foi aberto em 25 de março de 2017, em sessão festiva nos jardins desta Casa Rosada, quando, além de formalizar a referência cultural do ano literário em curso à escritora e musicista Myriam Brindeiro, incluir a poeta performática Bernadete Bruto no Quadro Especial de Oblatus Literis e, ainda, reunir a congregação da Ordem do Mérito Literário Jorge

de Albuquerque Coelho para a admissão do comendador Ney Perracini, a UBE deu posse solene à diretoria e ao conselho para o biênio 2017-2018.

De lá até hoje, muita coisa aconteceu, incluindo significativas homenagens prestadas à UBE por importantes personalidades, entidades e organizações pela passagem dos seu 60º aniversário, especialmente a Câmara Municipal do Recife, a Revista Perto de Casa, o Museu da Cidade, o Espaço Cultura Nordestina e a Companhia Brasileira de Trens Urbanos, que, pela gentileza e sensibilidade, conquistaram um lugar imorredouro na nossa história; a consagração do imóvel que abrigou as Edições Pirata e deu moradia ao casal Myriam e Alberto Moraes no rol daqueles de importância para a Cultura Nacional

Este 14 de março de 2018 vai ficar na história da UBE, não só por ter recebido o carinho de tantas personalidades e pessoas ilustres, mas também por ter dado lugar a cerimônias de grande importância.

Hoje, como parte integrante dos festejos, a UBE vai marcar a sua sede nacional com banner comemorativo do 60º aniversário - uma belíssima peça que ostenta o Selo desenvolvido pelo artista plástico Sílvio Hansen e que, neste ano, vem sendo usado em toda papelaria e elementos publicitários da entidade, incluindo dos programas culturais.

A União Brasileira de Escritores (UBE) também vai aproveitar este momento magno para homenagear o poeta Marcus Accioly, ex-vice-presidente desta Casa, Grande Homenageado da FLIPO em 2016 e comendador da Ordem do Mérito Literário Jorge de Albuquerque Coelho, que, em 21 de outubro de 2017, alcançou a grande inflexão da vida, deixando um rastro de sensibilidade e de simbologia poética. Aliás, a repentina partida de Marcus Accioly frustrou o desejo alimentado pela UBE de vê-lo trajado com o fardão da Academia Brasileira de Letras e indicado para o Prêmio Nobel de Literatura. Vale dizer que, ao invés de interromper a caminhada de Marcus Accioly aos píncaros da glória, o retorno ao pó no massapê das terras açucaradas [do município] de Aliança catalizou o processo de realce do brilho da vasta obra de Marcus Accioly, consagrando-o definitivamente no pequeno círculo dos grandes poetas que o Brasil já inseriu no panorama artístico mundial.

Como parte integrante das comemorações do 60º aniversário, a UBE dá início ao Ano Literário 'Rachel Carrilho', em homenagem a poeta Rachel Carrilho - uma escritora premiadíssima, autora de cinco livros, cuja pena leva o leitor a novos mundos, fazendo-os repensar sentimentos e coisas para acreditar mais na vida, no amor e nas pessoas - que, assim, se insere na galeria especialíssima onde já estão o

artista plástico Abelardo da Hora, o escritor Tavares de Lima, o editor Tarcísio Pereira e a musicista Myriam Brindeiro.

[A UBE] Também aproveita esta oportunidade para admitir a senhora Lucide Reis no Quadro Especial de Oblatus Literis, que congrega pessoas que dedicam parte de suas vidas ao funcionamento da Casa do Escritor Paulo Cavalcanti, em especial à conservação e à manutenção da Casa Rosada da Rua Santana, como fizeram e fazem Jair Martins, Edson Luiz Marques, Eugênia Menezes, Bernadete Bruto - verdadeiros motores do nosso dia-dia.

Considerando ser esta comemoração de aniversário o momento adequado para o lançamento de sinais à sociedade, não só pela simbologia da ocasião, mas, também pela presença de testemunhas tão qualificadas, a UBE a aproveita [a ocasião] para, em espasmo de grande importância política e cultural, ampliar o seu espectro de atuação. Assim, diante do honroso olhar dos que participam da festança dos 60 anos, a União Brasileira de Escritores autoriza a instalação da seccional no Estado do Maranhão sob a liderança do professor e escritor Elias Azulay, que, entre outros desafios, recebe a encomenda de organizar um Congresso Brasileiro de Escritores na belíssima cidade de São Luiz.

Minhas senhoras e meus senhores,

As comemorações do 60º aniversário da UBE também reservam um lugar especial para o registro da saudade daqueles que não puderam esperar por este momento e retiraram-se antes. Assim, lembramos os confrades William Ferrer, Abelardo da Hora, Jair Martins, Esther Steremberg, Edmilson Bronzeado, Ariano Suassuna, Gilvan Lemos, Marcus Accioly, Fernando Farias, Jailson Marroquim, Iara Cecy Falcon, França, Zenóbia Magalhães, Nina Afonso, José Carneiro de Farias, Maria Sobral, Wilmar Medeiros, Luiz de Souza Leão, Délio Mendes, Armando Monteiro Filho, Milton Lins, Nonato Magalhães, Marco Juno, Maria Luíza Paiva, e tantos outros, que, tendo cumprido a jornada entre nós, tomaram carruagem da imortalidade para algum ponto onde nossa diminuta compreensão dos mistérios do Universo não alcança, deixando-nos um rastro de sonhos e de saudades para encantar outros rincões, iluminar as estrelas e os mundos e fazer o céu brilhar com maior intensidade.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Nunca é demais lembrar que, por ser entidade de representação nacional dos artistas e cientistas da palavra pouco importando o Estado onde tenham berço, atuação e residência, a UBE também constitui excelente plataforma de exposição e divulgação da obra literária brasileira.

Esta condição aumenta a importância da entidade, pois - como, a exemplo dos artistas de outras expressões, os escritores conseguem compreender e traduzir as realidades, vontades e necessidades associadas às condições topográficas, climáticas, históricas, econômicas, políticas e sociais de cada um dos Brasis contidos no território nacional - a Casa de Paulo Cavalcanti funciona como caixa de ressonância e termômetro do nível de atividade daqueles que, cumprindo papel essencial ao País, podem registrar, interpretar e transmitir a história, o sentimento e as vontades do povo brasileiro.

É nesta perspectiva que a UBE proclama preocupação com a fragilidade dos mecanismos de incentivo cultural e repudia o achincalhe da arte e dos artistas por brutos que chegam a associar investimentos em cultura com despesas perdulárias.

Aliás, consciente de que um povo culto e letrado é mais resistente às manipulações das ideias e das palavras (e, assim, mais aparelhado para buscar caminhos que levem ao bem estar social) e preocupada com a nítida degradação já observada em algumas áreas, a UBE lembra que, tal como a ciência e a tecnologia, a arte também deve ser protegida e estimulada como elemento estratégico do desenvolvimento.

Assim, neste momento crucial da história do País - além de denunciar, no âmbito geral, a violação do direito à informação e, no âmbito setorial, a fragilização da cadeia de produção, consumo e desfrute do livro -, a UBE conclama o mundo intelectual brasileiro a se unir na defesa da democracia e a buscar uma política cultural ampla capaz de garantir o acesso dos brasileiros a bens culturais representativos de cada realidade cultural abrigada no nosso imenso Brasil.

Confiando no livro e na leitura, não só como elementos de entretenimento, mas, sobretudo, como instrumentos de libertação, a UBE defende que todos leiam e leiam muito e, neste momento de alegria, adverte que a plena superação do analfabetismo só ocorre quando, além de compreensão dos textos, o homem consegue identificar e distinguir a para-realidade artística, a realidade jornalística e a irrealidade convincente.

Enquanto estiver com a capacidade de julgamento embotada pela manipulação da informação e não conseguir identificar a irrealidade que lhe turva a

razão, não poderá ser considerado alfabetizado e, pior, correrá o risco de servir como inocente útil de causas que, nem sempre, concorda.

Como já afirmei em outras oportunidades, a leitura é fundamental para desenvolvimento cultural da nação e para o amadurecimento político do País. Uma sociedade que lê e compreende o que lê é mais resistente às manipulações e não funciona como presa indefesa ou inocente útil nos processo de envolvimento, inclusive nos atentados à língua pátria.

Por tudo isto, a UBE consagra a leitura não apenas como campo de realização daqueles que escrevem, mas, também, como um instrumento de luta em defesa da herança literária, histórica, científica e artística do País, das tradições e da língua pátria, das liberdades democráticas e da solidariedade internacional dos povos.

É preciso que todos leiam e leiam muito, inclusive como forma de democratizar o direito à informação e à comunicação de massa.

Muito obrigado!